



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ÓRGÃO QUINZENAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO X - Nº 160 - 2ª QUINZENA DE OUTUBRO DE 1998 - R\$ 1,00

**Votos nulos, brancos e abstenções  
somaram 36,17% do total, superando FHC.**

**NO SEGUNDO TURNO,  
ASSIM COMO NO PRIMEIRO:**

**VOTO NULO**

**em defesa do programa do  
Partido Operário Revolucionário**

**Nenhum apoio aos partidos burgueses e reformistas!  
Abaixo o plano antinacional e antipopular de FHC!  
Nenhum problema será resolvido pelo voto,  
que é instrumento de enganação e preservação  
da opressão social!**

**Por um governo operário e camponês,  
que só pode vir pela revolução!**

**Para anular seu voto, digite 00 e confirme!**



**Governo prepara junto ao FMI um pacote  
violento para despejar a crise sobre as massas.**

**Fora o FMI do Brasil!  
Preparar a resistência  
ao pacote de FHC!  
Por uma Frente Única  
Antiimperialista!**

**A LUTA REVOLUCIONÁRIA NA BOLÍVIA**

# Quinzena do Movimento Operário

## Operários da Ifab ocuparam fábrica por oito dias e obrigam patrão a pagar salários em atraso

Os trabalhadores da Ifab, fábrica de correntes industriais de Campinas que estavam com os salários atrasados, decidiram pela ocupação da fábrica no final do mês de setembro para obrigar o patrão a pagar os salários que estavam atrasados. A ocupação durou mais de uma semana e os operários só deixaram a fábrica depois de obrigarem o patrão a colocar em dia todos os salários. A greve com ocupação de fábrica é um dos métodos de luta da classe operária mais temidos pela burguesia, pois durante a ocupação os operários tornam-se, eles mesmos, donos dos meios de produção, colocando em xeque o poder da burguesia. Por isso a classe dominante reprime duramente esse tipo de manifestação e, quando a radicalização dos operários passa por cima da burocracia sindical, a burguesia não pensa duas vezes e põe a polícia com cães e bombas ou até mesmo o exército com seus tanques para massacrar os operários.

### Direções Sindicais breçam campanhas salariais e procuram convencer os trabalhadores que estes têm de pagar pela crise dos capitalistas

Aproximadamente um milhão de metalúrgicos do Estado de São Paulo que têm data-base em 1º de novembro estão em campanha salarial. Outras categorias também numerosas estão em plena campanha, como bancários, petroleiros, químicos, têxteis, marceneiros, correios, etc. No momento em que os patrões lançam uma brutal ofensiva contra a vida das massas (colocam milhares e milhares de trabalhadores na rua a cada dia, reduzem salários, cortam benefícios de todo tipo), os dirigentes das principais Centrais Sindicais do País sentam-se na mesa com os patrões e procuram encontrar formas para isolar as lutas dos trabalhadores e evitar que estes se levantem numa luta unificada contra a burguesia e seu governo. Atualmente a principal justificativa para a traição é dizer que os trabalhadores estão com medo de perder o emprego. Esses pelegos servem apenas como correia de transmissão dos ataques dos patrões e colocam abertamente nas assembleias que os trabalhadores podem escolher entre ver seus salários reduzidos ou ir para casa. Espalham pelos quatro cantos que estão preocupados com a situação dos trabalhadores e perdem horas e horas pro-

curando formas para 'levantar a moral dos trabalhadores', promovem vigílias pela manutenção do emprego, encenação teatral e outras balelas do gênero. Nada de luta. Nada greve. Nada de enfrentamento. Nada de pensar em luta unificada dos trabalhadores para pôr abaixo o governo neoliberal de FHC e seu plano de fome.

### Banqueiros querem congelar salário dos bancários por um ano

Alegando que o momento não é de dar aumento, e sim de retirada de conquistas dos trabalhadores, os banqueiros estão acenando com uma migalha de abono de 700 reais, que não serão incorporados aos salários. Os bancários de todo o país (450 mil) reivindicam 14,7% de produtividade e 7,72% de perdas salariais desde 94. Essa é uma mostra que os patrões vão endurecer e jogar nas costas dos trabalhadores as perdas com a crise. E o que faz a direção do sindicato? Diz que não vai aceitar a proposta. Que vai propor para a assembleia a rejeição da mesma, 'fazer fogueiras' no centro com muito fumaça para esquentar a campanha. Mas de concreto mesmo nada é feito. Pois essas direções burocratizadas não têm proposta nenhuma para as categorias, acabam capitulando diante da proposta patronal. Se fosse comprometida com a luta, organizaria uma greve geral dos bancários, a fim de organizar também a greve geral por tempo indeterminado contra o arrocho salarial imposto pelo governo e seu pacote de fome e miséria.

### O QUE ACONTECE nas MONTADORAS ?

A grande maioria das montadoras de automóveis no país se comprometeu com o governo em adiar as demissões para depois das eleições. A saída para não prejudicar a reeleição de FHC foi dar férias coletivas, licença remunerada aos operários, ou utilizar o chamado banco de horas. Esta última já está quase esgotada, pois a maioria dos operários já deve um número tão grande de horas que levaria anos para pagar. Passadas as eleições, com FHC reeleito, todas as montadoras estão anunciando cortes em todos os setores. É a crise capitalista batendo à porta dos trabalhadores, com demissão, redução de salários e mais arrocho. E o que fazem as direções? Absolutamente nada! A CUT, que outrora foi a central sindical mais combativa, hoje está completamente comprometida com um partido reformista que é o PT. Esse partido hoje se dispõe a "achar" saída para a crise capitalista e com isso arrasta a central sindical e conseqüentemente os trabalhadores para o imobilismo. É hora de organizar a classe trabalhadora para lutar pela sua sobrevivência, pois o que está em jogo hoje é a própria sobrevivência dos trabalhadores. O momento é de organizar a greve geral por tempo indeterminado, tendo como principal bandeira a Escala Móvel de Salários, o que significa lutar pela redução da jornada de trabalho, sem a redução dos salários, para que haja emprego para todos, através da divisão das horas de trabalho existentes entre todos os trabalhadores.

**O Pacote que o governo prepara trará ainda mais desemprego.  
Nossa resposta deve ser: nenhuma demissão!  
Escala Móvel de Horas de Trabalho!**

Nacional



# Eleições: nulos, brancos e abstenções superam FHC

Os resultados das eleições de 4 de outubro passado levaram à continuidade do governo FHC por mais quatro anos. A vitória do governo em 1º turno ocorreu por obter a maioria absoluta dos chamados votos válidos, que não incluem nessa conta os votos brancos e nulos e as abstenções. Dessa forma, é falso apresentar a vitória de FHC como resultado do apoio eleitoral da maioria absoluta da população. O fato é que FHC obteve 33,87% do eleitorado total, ou seja, cerca de um terço dos votos, correspondentes a 36.936.918 votos, de um total de 106.094.989 eleitores. Além disso, em relação a 1994, o número de votos em FHC caiu na grande maioria dos estados.

A maioria não votou em ninguém. 22.798.904 eleitores deixaram de ir às urnas (número superior aos votos obtidos por Lula). Além desses, mais 8.884.426 eleitores anularam o voto, e 6.688.612 votaram em branco. Somados, esses votos perfazem um total de 36,17% do eleitorado, número superior à votação do "vencedor" FHC.

Lula obteve 21.475.348 votos, que correspondem a 20,24% do total de eleitores. Esses votos têm origens das mais diversas, desde a oposição ao governo FHC até o apoio a uma alteração secundária de sua política econômica, não combatida no seu conjunto pelo PT. Mas podemos considerar que uma boa parcela desses votos foi contrária ao governo FHC. Dessa forma, mais da metade da população se manifestou eleitoralmente, ainda que de diversas maneiras e deformadamente, contra o governo FHC.

Uma rejeição eleitoral de grande parte do eleitorado a um governo que contou com uma fábula de poderio econômico em favor de sua campanha, contou com uma grande unidade nacional das forças e partidos burgueses em seu favor, contou com todos os instrumentos possíveis de manipulação política, desde os meios de comunicação até os institutos de pesquisa, essa rejeição mostra que está presente na população uma grande insatisfação com o governo e sua política econômica. As condições

são amplamente favoráveis para desenvolver uma campanha nacional de combate ao plano antinacional e antipopular de FHC.

## Unidade nacional, divisão regional

A vitória em 1º turno de FHC nas eleições presidenciais expressou uma grande unidade das frações burguesas em nível nacional, fundamentalmente para preservar o plano Real. Os capitalistas avaliam que esse é o melhor instrumento disponível para preservar a política econômica vigente. O que não quer dizer que não prossigam e avancem as divisões e choques entre as frações burguesas ao redor do ritmo e alcance da aplicação da política neoliberal, destruidora da economia nacional, ditada pelos organismos internacionais ao país. Mas esses choques se processaram nas outras disputas eleitorais, as das bancadas e dos governos regionais.

Nas eleições estaduais e proporcionais, não se estabeleceu nenhuma frente burguesa nacional. Os choques se deram entre as frações oligárquicas regionais, manipulando as legendas e frentes ao sabor dos interesses locais. FHC teve de aparecer apoiando mais de um candidato em cada estado, muitas vezes ao lado dos principais oponentes. Foi nesses embates que se deu concretamente a disputa pelo controle de fatias maiores do Estado burguês, nessas disputas se decidiu conjunturalmente o peso de cada fração capitalista no interior de seu aparelho de dominação de classe.

Por isso, os resultados das eleições expressam contraditoriamente a unidade interburguesa ao redor da preservação do governo federal e as divisões e choques entre as frações em nível estadual. Essa contradição esteve de acordo com o crescente e cada vez mais forte apoio que FHC ia obtendo das frações burguesas simultaneamente ao agravamento da crise econômica internacional e nacional. A cada queda geral das bolsas, aumentava o índice de FHC nas pesquisas.

## O reformismo desarmado

FHC teve ainda a vantagem de contar com uma oposição completamente desarmada política e ideologicamente para enfrentar o aprofundamento da crise capitalista. O PT e seus aliados iniciaram a campanha eleitoral prometendo preservar a essência do plano econômico do governo. O objetivo era ganhar a confiança de setores capitalistas descontentes com a linha para eles excessivamente entreguista de FHC. Sem sucesso nas primeiras investidas, passaram a retroceder nos limitados pontos de choque com FHC e o imperialismo, abrindo mão por exemplo das estatais já privatizadas, como a Vale do Rio Doce, que seriam intocáveis por um governo frentepulista.

Com o agravamento da crise capitalista internacional, o reformismo deixou de lado até as tímidas propostas de mudança da política econômica. A desvalorização do Real passou a ser considerada uma medida inadequada para a nova situação. Sem respostas, o reformismo passou a papagaiar as propostas de um setor do governo (Secretário Barros) de "câmbio controlado". A poucos dias da eleição, divulgou uma proposta de oito pontos para enfrentar a crise, que passou praticamente em branco.

A falta de respostas do reformismo tem suas raízes no aprofun-

Nacional



**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS**  
**O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO  
NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA  
CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970  
CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

damento da crise capitalista internacional. As tendências mundiais recessivas dominantes são uma barreira intransponível para a utopia do desenvolvimento interno capitalista pretendido pelo PT e aliados, por meio de uma suposta melhor distribuição de renda. Essas tendências

impõem duas alternativas: destruição de parte da economia mundial para permitir a reconcentração de mercados e capitais pelo imperialismo, ou revolução proletária. As medidas intermediárias estão impossibilitadas materialmente de aplicação.

Ao reformismo, resta seguir uma dessas tendências ou ficar paralisado. Ideologicamente, tem se deslocado para o caminho proposto pelos capitalistas. Chega a professar abertamente alguns princípios neoliberais, no intento de se mostrar capaz de empunhá-los, como seus colegas de "esquerda" europeus estão fazendo. Mas a burguesia ainda tem seus próprios meios de materializar sua política, ainda não precisa da participação do reformismo no interior do Estado. Para os exploradores, já está de bom tamanho o papel de conter as mobilizações e desviar as massas para a via eleitoral desempenhado com relativo êxito até agora pela oposição reformista.

A atitude do reformismo nas eleições o impediu de capitalizar eleitoralmente o descontentamento com o governo que se provou existente entre as massas.

### **O crescimento relativo diretizará ainda mais o PT**

O PT obteve um crescimento eleitoral nacional nessas eleições. Sua votação para

presidente cresceu de 17.122.366 em 1994 para 21.475.348 em 1998. Ganhou dois governos estaduais em primeiro turno e disputará outros 3. Por muito pouco não foi a segundo turno em São Paulo. Suas bancadas na Câmara Federal e no Senado cresceram significativamente.

A derrota do PT para FHC não o impediu de progredir. É importante, no entanto, verificar em que sentido está progredindo o PT.

Nos estados em que venceu, estabeleceu alianças com frações burguesas apoiadoras do governo FHC. Nos estados em que disputa segundo turno, atuará em unidade com PSDB e até PFL (Distrito Federal). Em cinco estados, estará apoiando formalmente o PSDB. Em outros, aparecerá formalmente neutro, mas de fato estará a reboque dos partidos governistas (São Paulo).

Dentre os parlamentares eleitos, os mais votados são os mais direitistas (Genoíno, Mercadante, Telma de Souza etc.) e voltados a aprofundar as relações do PT com a burguesia. Os candidatos mais à esquerda fracassaram (Ivan Valente sequer foi eleito em São Paulo).

## **O apoio do PT ao PSDB em Goiânia**

Depois do candidato Osmar Magalhães ser derrotado no 1o turno, o PT se uniu ao PSDB, que tem por candidato Marconi Perillo, contra Íris Rezende (PMDB). O mesmo fez o PCdoB. Com isso, a frente de apoio ao candidato do PSDB vai do PT ao PFL, incluído o PPB de Maluf.

Após os petistas e estalinistas (PCdoB) baterem em palavras contra o neoliberalismo do PSDB, decidem apoiá-lo no 2o turno. Justificam esse feito com o argumento de que é preciso interromper o autoritarismo e o continuísmo do PMDB.

A sem-vergonhice desses partidos não tem limites. Para se enrabichar por detrás do partido de FHC, portanto, do neoliberalismo, lançam mão do argumento do autoritarismo e continuísmo do PMDB. Por acaso o PSDB não é continuísta e autoritário? O que há que se entender é que qualquer partido burguês, por mais democrata que seja, defende a ditadura de classe da burguesia contra a classe operária e demais explorados.

Um partido que de fato seja dos trabalhadores teria de se posicionar, nessa circunstância concreta, pelo voto nulo. Mas assim como em São Paulo, em Minas Gerais, o PT está obrigado a apoiar mesmo que disfarçadamente um dos partidos da burguesia. Em Goiás, o Diretório aprovou integrar-se numa frente com o PSDB no 2o turno, nos dois outros citados decidiu pela "neutralidade". A posição do voto nulo das esquerdas internas ao PT foi ultraminoritária.

Ocorre que para um partido da democracia burguesa o voto nulo deve ser evitado a todo o custo. Esse partido dependerá enquanto existir das mais variadas alianças, por isso terá de contrair sempre um compromisso eleitoral com este ou aquele partido. Também não pode incentivar a tendência ao voto nulo, branco e abstenções presentes no seio dos explorados. Todos os partidos, incluindo aí o PT, combatem a defesa do voto nulo, apoiando-se no argumento de que é preciso votar num partido para fortalecer a democracia. O resultado dessa linha é a que estamos vendo nos apoios do PT ao partido do Presidente da República, que através de uma ampla aliança vem golpeando fundo a vida dos trabalhadores e entregando parte das riquezas nacionais para a burguesia imperialista.

Esses dados mostram que o PT mantém as possibilidades de se constituir futuramente numa alternativa para gerir ou auxiliar diretamente na gestão do Estado capitalista. As lições que a sua direção vai tirar desses resultados eleitorais e a correlação de forças no seu interior apontarão para a necessidade de aprofundar a direitização política do partido, a fim de torná-lo mais confiável à burguesia, melhorar e facilitar as alianças eleitorais etc. Certamente, uma das discussões será o disciplinamento das correntes de esquerda avessas às alianças mais direitistas. Será recolocado o debate da exclusão das esquerdas e é possível que algumas rompam com o PT antes de serem expulsas.

A direitização do PT será sentida pelas massas por meio da contaminação das suas organizações de frente única (sindicatos, CUT, MST etc.) por essa política, que semeará a conciliação de classes com mais vigor. O combate às tendências conciliadoras com a ofensiva capitalista é uma das condições básicas para a defesa das condições de vida e trabalho das massas no próximo período.



## O retrocesso eleitoral do PSTU e suas contradições

O PSTU obteve um desempenho inferior ao das eleições passadas. Os 202 mil votos de Zé Maria (0,3%) no entanto não podem ser desprezados. Uma camada da vanguarda votou no PSTU contra a direitização e prostração do PT e contra a burguesia.

Qual o maior problema da campanha do PSTU? Seu programa continua importantes bandeiras de defesa das reivindicações das massas e opostas à política econômica de FHC. Ainda que rebaixadas. No entanto, estavam sempre voltadas a um governo saído das urnas, o tal "governo dos trabalhadores". A defesa das reivindicações das massas desvinculada do método para alcançá-las constitui-se em mera demagogia. Um partido revolucionário jamais deixa de defender o método da ação direta como meio de lutar pelas reivindicações. Esse método permite ajudar as massas a compreender que essas reivindicações só podem ser atendidas com a destruição do capitalismo pela via violenta da revolução.

O PSTU formulou sua campanha voltada ao reformismo. A defesa das reivindicações servia para pressionar o reformismo a empunhá-las. Por isso, desde o início, anunciou que apoiaria Lula no segundo turno. Por isso, sua campanha foi defender o apoio aos "dois candidatos da classe". Nos sindicatos, na CUT e nos movimentos o PSTU propunha que estes fizessem campanha tanto para Zé Maria como para Lula. O absurdo oportunismo desta linha é evidente. Mas se tornou ainda mais evidente

com a defesa do voto em Lula no segundo turno, renunciando assim à defesa de sua própria candidatura. No Rio Grande do Norte, sequer fez campanha por Zé Maria. Dessa forma, o PSTU apresentou-se às massas como um apêndice do PT. As críticas ao reformismo jamais colocaram o PSTU em choque com ele. Com uma política seguidista, foi incapaz de capitalizar o descontentamento e frustração de muitos com o reformismo, nem mesmo eleitoralmente.

Um fato interessante ocorreu no Rio de Janeiro. Os candidatos do PSTU ao governo e senado tiveram perto de 19 mil votos no estado. Seu candidato a deputado federal Lindberg Farias obteve 70 mil (não foi eleito por causa do fraco desempenho geral do PSTU). Quer dizer que a maioria dos votos em Lindberg foram dados conjuntamente aos candidatos burgueses aos governos federal e estadual, senado ou assembléia. É evidente que a campanha de Lindberg não foi identificada com o "Contra burguês vote dezesseis".

Um partido revolucionário atua nas eleições quando as massas estão iludidas com a democracia burguesa. Tem como premissas a defesa do programa da revolução proletária, a denúncia da democracia burguesa e o impulso à ação direta das massas. Não é difícil perceber que o PSTU não tomou esses princípios como ponto de partida de sua campanha. Sem dúvida a intervenção de um partido que se reivindica da luta anticapitalista, ainda que em palavras, como fazia o PSTU, não se mede simplesmente pelo número de votos. Se o tivesse defendido o programa estratégico, os

0,3% seriam tomados como uma vitória do programa da revolução proletária. Mas a direção do partido esperava que o seguidismo ao PT se traduzisse em mais votos, que lhes foram negados.

## A defesa do voto nulo programático

Desde o início da campanha eleitoral, o POR chamou as correntes de esquerda a romperem com o eleitoralismo e a se colocarem pela constituição de uma frente única antiimperialista, que é uma necessidade para erguer a luta antiimperialista contra a ofensiva capitalista concentrada no plano antinacional e antipopular de FHC. As correntes, na sua maioria, se colocaram por mergulhar no eleitoralismo.

A legislação eleitoral vigente impede a legalização de uma corrente que defenda abertamente a revolução proletária em seu programa. Há ainda outros muitos pontos antidemocráticos, que impedem nossa legalização.

Diante dessa situação, só é possível preservar a defesa do programa revolucionário nas eleições com o chamamento ao voto nulo pelo programa do partido operário revolucionário.

O POR atuou até a boca de urna com essa política, que mostrou estar de acordo com as tendências de luta de uma parcela das massas. A receptividade à posição do POR indica as possibilidades de ampliar o trabalho ao redor da construção do partido revolucionário, que se dará por meio da construção do programa, da luta ideológica e da intervenção junto às lutas das massas por suas reivindicações.

NACIONAL



## Eleições e os algozes do povo

Luiz Inácio Lula da Silva, assim que foi derrotado, declarou aos jornais que não se conformava do povo votar nos próprios algozes. De fato isso aconteceu. Votar nos algozes significa eleger um governo burguês, seja ele qual for. Certamente, Lula não se referia aos algozes do ponto de vista de classe, mas sim porque FHC é responsável por um Plano econômico que esmaga a vida dos trabalhadores.

Como Lula não vê os algozes na classe capitalista e o Estado burguês, por mais democrático que seja, um instrumento dessa classe contra os trabalhadores não pode ser conseqüente em sua observação. O que quer dizer que Lula não vê no conjunto dos partidos burgueses os algozes do povo. Tanto é que se tornou um dos maiores defensores de ampla aliança com uma ala desses partidos, que atua como oposição burguesa.

Agora, no 2º turno, o PT passou a apoiar, em São Paulo, o PSDB, partido de onde saiu o tal "algoz do povo", que é FHC. Seu partido chama assim a votar nos "algozes do povo". A sua declaração de "neutralidade" não o isenta de responsabilidade quanto a essa posição. Culpar o povo por sua derrota é tão fácil quanto o PT apoiar os algozes desse mesmo povo.

**2º turno: VOTO NULO pelo programa do POR!**

## Eleições / 1998:

# O reformismo petista mostra sua podridão política

Se, no 1o turno das eleições, a aliança do PT com o PDT e PSB já mostrou seu comprometimento com a apodrecida política burguesa, no 2o turno o seu retrato aparece escandaloso. A decisão do Diretório Estadual de São Paulo de manter-se "neutro" frente à disputa Maluf/Covas é pura hipocrisia. Na realidade, o PT decidiu-se por um apoio envergonhado a Covas.

Nem bem a resolução foi aprovada, o deputado José Genoíno saiu em defesa do voto no candidato do PSDB. Representando a ala mais à direita, expressou seu descontentamento com a falta de clareza do apoio a Covas. Mas ponderou que, no final das contas, a "neutralidade" permitia a liberdade dos petistas se declararem a favor do tucano. Evidentemente, a neutralidade é uma máscara de seda ao apoio.

O prefeito de Santo André, Celso Daniel, logo se encarregou de reunir os prefeitos do PT para se engajarem ativamente na campanha do PSDB. O senador Suplicy não teve nenhum constrangimento de participar no "ato suprapartidário" ao lado do ex-candidato à presidência Ciro Gomes (PPS), Luíza Erundina (PSB) e José Serra (PSDB), discursando em favor de Covas. A candidata derrotada, Marta Suplicy, reuniu-se com Covas para declarar o seu voto.

Em nome de derrotar o malufismo, os petistas correm a fortalecer o PSDB, de onde saiu o governo FHC e a aliança nacional, incluindo o próprio PPB de Maluf. Passam

uma borracha nas críticas ao neoliberalismo, que tem como um de seus sustentáculos o governo de Mário Covas.

Dissemos muitas vezes que o PT se tornou um partido com as mesmas características dos partidos burgueses oficialistas. E mais uma vez os fatos mostram o fisiologismo dos reformistas em relação a tais partidos. O seu oposicionismo é meramente conjuntural e segue a lógica do pragmatismo da política burguesa. É por isso que nem bem acaba de concorrer com a aliança do PSDB, PFL, PPB etc e já se propõe a apoiar um desses partidos da coligação contra o outro nas disputas estaduais. Está refletindo aí a velha política das oligarquias que compõem a classe burguesa, só que na condição de um partido pequeno-burguês subordinado às pressões dos grandes partidos oficialistas.

Um outro aspecto desse mesmo fenômeno é a presença dos interesses particulares dos caciques regionais. No Distrito Federal, Cristovam Buarque foi a procura do apoio do PSDB, do PFL e do PTB, contra o candidato do PMDB, Joaquim Roriz. Para obter apoio, dispôs-se a integrar em seu governo políticos de tais partidos. O presidente do PT do Distrito Federal, Chico Vigilante, usou como argumento o pragmatismo burguês de que "quem ajudar a eleger ajuda a governar" (Folha de S.P 14/10). Embora o presidente do PT, José Dirceu, declarasse que com o PFL não faria alianças, Cristovam continuou com as negociatas. Além disso, o cacique do Distrito Federal lançou apoio ao candidato do PSDB, Eduardo Azeredo, em Minas Gerais. Inventou assim que uma parte dos prefeitos do PT se alinhasse com o PSDB, enquanto outra era favorável a Itamar Franco (PMDB).

Em Minas Gerais, o Diretório do PT também aprovou a resolução de "neutralidade". E vejam só a resposta desesperada do presidente regional do PT Romênio Pereira: "É um desrespeito à decisão do partido. Declarar o voto pode, mas é proibido participar de programas ou subir em palanques". O cinismo dessa declaração está de acordo com a farsa da "neutralidade".

Lula, ao ser indagado sobre tais acontecimentos, se comporta da mesma maneira. Frente à decisão de "neutralidade" em São Paulo: "Cada

companheiro se posiciona como quiser se posicionar, já que o partido deu esse direito. Eu, particularmente, vou ficar neutro no processo eleitoral" (Folha de SP-17/10). E quanto às negociatas de Cristovam Buarque com o PFL disse que "apoio é apoio". Surpreendentemente, dois prefeitos do PT declararam seu voto a Maluf. E como dizer que não estão cumprindo a resolução do partido? Fazem justamente como Lula disse: "cada companheiro se posiciona como quiser (...).

Os trabalhadores e os militantes que observam os fatos e vêem a política do ponto de vista das classes sociais não podem deixar de concluir que o PT apodreceu na política burguesa. Não podem deixar de caracterizar o seu oposicionismo como instrumento de controle dos explorados e de alienação de suas consciências.

Nossa tese de que o reformismo na situação histórica de desintegração do capitalismo faz parte da reação burguesa contra a organização revolucionária do proletariado se comprova a cada um dos acontecimentos. As correntes de esquerda que se arrastam por detrás do PT, a exemplo de PCO, PSTU, O Trabalho etc, mostram que não têm essa compreensão e que não se esforçam por superar o seu oportunismo esquerdista observando a política reacionária do reformismo. Ao praticarem o seguidismo eleitoral (no caso o PSTU fez campanha por Lula defendendo-o num possível 2o turno) desviam a vanguarda do objetivo de construir o Partido Operário Revolucionário (marxista-leninista-trotskista). Ao não dizerem com todas as letras o lugar do PT na política burguesa e seu papel de freio da luta de classes, embelezando-o eleitoralmente como oposição, comprometem-se com o reformismo.

De nossa parte defendemos o voto nulo programático, combatemos os partidos da burguesia e rechaçamos as manobras do reformismo fretepopulista. A conduta do PT no segundo turno vêm nos dar mais uma vez razão. Somente com uma linha política e uma tática corretas é possível construir o Partido da revolução proletária.

Nacional



# O vale-tudo eleitoral

A decisão de Francisco Rossi de apoiar Maluf, no 2o turno, mostra bem o vale-tudo das eleições. No 1o turno, os candidatos fizeram acusações mútuas cujo teor mais brando era "rouba mas faz". Esse lema foi central na campanha de Rossi contra Maluf. Em contrapartida, teve como contra-ataque o mote de "o Fernando Collor de Osasco", lançado por Maluf. Nem bem terminou a disputa Rossi e Maluf comparecem abraçados como dois irmãos.

Os ataques não passaram de teatralização para enganar os trabalhadores e atrair-lhes o voto. Agora vem o segundo ato da peça. Rossi diz que Maluf é o melhor para São Paulo, certamente porque "rouba mas faz". Por sua vez Maluf teceu um acordo de que "o Collor de Osasco" terá lugar em seu governo. Para apoiar Maluf, Rossi abandonou o PDT. O caudilho Brizola o denunciou como aquele que vende a bíblia, um judas do PDT. O que Brizola não diz é que ele mesmo e

seus comparsas do PDT sabiam quem era Francisco Rossi, bem caracterizado como "Collor de Osasco".

É interessante o fato de petista se indignarem com a conduta de Rossi, que afinal de contas defendeu o voto em Lula e pertencia ao PDT que compunha a frente União do Povo. Esses petistas olham para as mãos sujas de Rossi, mas não para as de seu próprio partido. O apoio dado ao PSDB em São Paulo, Minas, Goiás etc resulta no mesmo. A diferença é de grau. O PT atacou o neoliberalismo e a corrupção do PSDB, que chegou a comprar votos no Congresso para obter maioria na votação da mudança constitucional que deu a FHC o poder de reeleição.

O tráfico eleitoral e toda sorte de submissão de um partido a outro são próprios da política burguesa. Não há nada de estranho o fato do ex-candidato do PDT colocar-se ao lado do malufismo. Poderia aparecer estranho o PT dar as mãos a Covas, já que

se trata de uma peça chave de sustentação do governo antinacional e antipopular de FHC. Isso porque o PT acoberta sua podridão política com o palavreado esquerdista, da ética, defesa dos trabalhadores, contra a miséria etc. Mas logo se vê que a tal da ética petista segue a mesma trilha de qualquer partido burguês. Uma ética, aliás, muito conveniente. Uma das mãos se estende para alianças com os partidos capitalistas e a outra estrangula o movimento sindical. Com uma das faces se lamenta que o povo vota nos seus algozes e com a outra sorri para os mesmos algozes.

Nacional

## PCO: um apoio sem pé nem cabeça

O apoio de PCO ao candidato da frente popular mostra até que ponto os altamiristas (refere-se à corrente dirigida por Jorge Altamira, de PO argentino) foram longe em sua adaptação ao caudilhismo de Lula e ao reformismo petista. Sua linha era de apoiar apenas Lula, considerado referência da classe operária e pelo fato deste contar com o apoio de sindicatos e movimentos.

Para o PCO, não importa a caracterização de que a frente popular liderada por Lula/Brizola é contra-revolucionária e que o PT dirige uma burocracia sindical que tem feito acordos de destruição de conquistas sociais, aceitando as demissões em massa e arrebatado com greves no passado recente. Não importa também as experiências com as administrações petistas, que têm sistematicamente usado da violência reacionária estatal contra os trabalhadores. Enfim, resolveu apoiar Lula a qualquer preço.

Em sua campanha, vimos PCO se comportar como qualquer partido com seus "santinhos" e apresentação da biografia de seus candidatos. Na TV, o pouco tempo que teve não foi utilizado para defender a estratégia de revolução e ditadura proletárias. Todo seu material jornalístico dirigiu-se ao embelezamento da candidatura Lula, mantendo a bandeira reformista e eleitoreira de um governo dos trabalhadores de Lula ("Com Lula, por um governo dos trabalhadores"). De forma que essa linha seguidista o impediu de atacar o reformismo, suas propostas pró-capitalistas para a crise e sua capitulação diante da ofensiva dos acordos de FHC com o imperialismo. Em São Paulo, não fez campanha pelo voto nulo na disputa pelo governo do estado.

Como se vê, PCO ficou neutralizado por sua política ilusória e por se curvar diante das pressões eleitorais das bases pequeno-burguesas do PT.



## Quanto vale seu voto

Estes são os orçamentos de campanha previstos, números de votos e o custo médio de cada voto:

<b>Candidato</b>	<b>Gastos previstos</b>	<b>total de votos</b>	<b>valor do voto</b>
Fernando Henrique (PSDB/PFL/PPB/PTB/PSD):	R\$ 73 milhões	35.936.918	2,31
Ciro Gomes (PPS/PL/PAN):	R\$ 33 milhões	7.426.235	4,44
Lula da Silva (PT/PDT/PCdoB/PSB/PCB):	R\$ 15 milhões	21.475.348	0,70
Enéas Carneiro (Prona):	R\$ 15 milhões	1.447.076	10,36
Alfredo Sirkis (PV):	R\$ 2 milhões	212.991	0,94
José Maria de Almeida (PSTU):	R\$ 200 mil	202.658	0,97

# O pacote do governo é ditado pelo FMI

O governo, por meio de sua equipe econômica, tem negociado nos últimos dias com o Fundo Monetário Internacional a liberação de um empréstimo entre 35 e 50 bilhões de reais. Esse montante de dinheiro será condiciona-

do por um acordo e uma carta de intenções que determinará os pontos fundamentais da política econômica no país no próximo período. Os pontos centrais desse novo bloco de reformas governistas já são conhecidos: privatização da previdência, aumento de impostos, cortes nos orçamentos públicos (principalmente da Saúde e Educação), cortes de financiamentos públicos (agricultura), quebra dos direitos trabalhistas.

A necessidade de recorrer ao FMI está dada pelo agravamento da crise mundial capitalista. As sucessivas quedas nas bolsas de valores, em especial os recentes acontecimentos na Rússia, marcam mais um salto à frente da crise mundial. A falência russa tende a arrastar consigo a Europa, em especial a Alemanha. A economia mundial vai submergindo em meio à crise de superprodução, e todos os dados apontam para a recessão geral.

A única tábua de salvação tem sido a economia norte-americana, mas que já começa a sentir os efeitos e manifestações da crise mundial, pois nos dois últimos meses notou-se uma tendência ao desaquecimento. O Banco Central norte-americano (Fed) agiu baixando as taxas de juros, mas essa medida pouco resultou.

## Um acordo agora a serviço de quem?

O FMI impôs inicialmente um compromisso ao governo brasileiro no sentido de preservar o

valor do Real frente ao dólar. As conseqüências de uma desvalorização da moeda brasileira seriam gravíssimas. Avalia-se que contaminaria toda a América Latina, configurando um quadro internacional de desvalorização das moedas, ou de valorização relativa do dólar, impondo o dasabamento de suas bolsas de valores e a recessão produtiva. O Brasil constituiu-se no momento, conforme o próprio FHC declarou em sua recente viagem a Portugal, no último dique da crise mundial. O interesse do FMI em arrumar dinheiro para preservar o plano Real é imposto pela necessidade de ganhar tempo para a economia norte-americana em crise.

O imperialismo joga contra o tempo. Espera que o avanço da crise se processe na Ásia e Europa, sem atingir a fundo a economia norte-americana, de tal forma que as tendências recessivas sejam mantidas ao nível da estagnação mundial. Poupada de uma destruição maior, a economia ianque se constuiria numa base para uma futura retomada pretendida.

O acordo com o Brasil não mede nenhuma conseqüência em relação à economia e à população do país oprimido. A preservação artificial do câmbio e o maior endividamento público levarão a uma explosão mais violenta da crise econômica no futuro imediato, porque potencializam as contradições presentes.

O valor artificial da moeda sela a impossibilidade de reverter o quadro deficitário do comércio exterior brasileiro. As altas taxas de juros que mantêm elevado o Real vão corroendo as finanças públicas e agravando as tendências recessivas. O empréstimo que será feito virá sob a forma de bônus a serem transformados em ações das estatais a serem vendidas; recursos das que já foram privatizadas e ainda não foram pagas; de petróleo a ser extraído pela Petrobras e de cotas brasileiras na Hidrelétrica de Itaipu. No fundo, não passa de um adiantamento, que serve para preservar a fuga de cerca de meio bilhão de dólares diários sem quebrar imediatamente o plano Real.

A privatização da previdência tem sido um ponto polêmico ao redor do qual têm se debatido as frações burguesas nos últimos anos. A imposição do FMI é a da privatização imediata da previdência, ou seja, o fim da aposentadoria pública. O capital financeiro exige que o Estado não gaste mais nenhum tostão com as aposentadorias, que utilize esses recursos para o sustento do parasitismo e que crie condições favoráveis à expansão dos fundos de previdência privada, em especial os de origem externa.

Os aumentos de impostos recairão

principalmente sobre a população assalariada. Os demagogos capitalistas afirmam que é mais justo que mais gente pague imposto. Chamam isso de democratizar o pagamento de impostos. Segundo esses impostores, o assalariado deve pagar assim como o explorador. Por isso, o aumento de impostos será rateado entre toda a população. Prevê-se o aumento da CPMF em 50%, e sua transformação em imposto permanente, por exemplo.

Os cortes de gastos públicos vão recair sobre os financiamentos agrícolas, sobre os serviços sociais públicos (saúde e educação) e sobre o funcionalismo, que será em grande parte demitido. As conseqüências: queda da produção agrícola e aumento de preços; agravamento da situação da saúde e educação e estímulos à privatização; crescimento do desemprego.

A reforma trabalhista permitirá aumentar a exploração do trabalho pelos capitalistas, com o fim de direitos trabalhistas e ampliação de mecanismos de superexploração do trabalho (banco de horas, desemprego temporário etc.).

Todos os pontos acima indicam que o custo da crise será despejado sobre a população trabalhadora.

## Reagir ao pacote; combater a ingerência do FMI

A imprensa internacional vem afirmando que a situação do Brasil é injusta, pois trata-se do país que tem aplicado o receituário do FMI para a crise e está na mesma situação difícil de outros países que não se disciplinaram às regras da cartilha neoliberal. Por isso, o aumento da ingerência do FMI sobre o país é encarado pelo imperialismo como ponto de apoio para pressionar os outros países a seguirem a linha trilhada pelo Brasil.

É necessário preparar as massas para reagirem à brutal ofensiva que está por vir. As direções do movimento sabem das linhas gerais das futuras medidas governamentais, e não estão preparando a resistência. Esta depende do desenvolvimento das reivindicações imediatas dos operários, camponeses, estudantes, professores funcionários etc., as quais se chocam contra o plano antinacional e antipopular de FHC. A mobilização ao redor delas permitirá erguer um movimento nacional de combate ao governo e seu plano, e à ingerência imperialista. Essa é a tarefa do momento: trabalhar pela resistência ao pacote, construir a frente única antiimperialista, combater o plano de FHC no seu conjunto, dar expressão nacional e unitária às lutas das massas.

NACIONAL





# Crise do real: mais um elo da crise mundial

Desde o último dia 17 de agosto, quando o Governo Russo decretou moratória da dívida externa e uma desvalorização de 30% do rublo, as principais bolsas de valores do mundo despencaram, dando início a mais uma fase da crise capitalista mundial.

Trata-se de uma crise de superprodução, produto da contradição entre a alta capacidade produtiva alcançada, com a introdução da microinformática, com a robótica etc. (forças produtivas) e a estreiteza dos mercados (relações de produção). O resultado é queda da taxa média de lucro das grandes empresas, falências, recessão etc.

A desvalorização da moeda Russa atingiu em cheio a economia americana. A bolsa de Nova York teve a segunda pior queda de toda sua história (6,4%) e demonstrou o caráter mundial da crise. No Brasil, que em setembro passou a perder perto de US\$ 1 bilhão por dia, viu evaporar quase US\$ 30 bilhões das reservas cambiais que caíram para cerca de US\$ 46 bilhões. O governo FHC, embora parcialmente imobilizado pela disputa eleitoral com o reformismo, teve de intervir e assegurar a fictícia valorização do Real frente ao Dólar. Para isso, elevou as taxas de juros para 50% ao ano e

decretou um micro pacote, cortando R\$ 4 bilhões dos recursos da saúde, educação, previdência etc. Tudo indica que, embora esteja prevista uma ajuda financeira dos organismos imperialistas (FMI, BID) da ordem de US\$ 30 a 50 bilhões para manter a estabilidade da moeda, aumentando ainda mais a dívida externa de US\$ 220 bilhões, o governo terá de lançar mão de um violento pacote econômico com cortes profundos na saúde e educação públicas, aumento de impostos sobre as massas assalariadas, acelera as privatizações (Petrobrás, Eletrobrás etc.) e as reformas previdenciárias e fiscal, além das demissões em massa para postergar a quebra financeira do país e mantendo a cotação do dólar. Caso contrário, o Real será desvalorizado prematuramente e empurrará o país para uma forte recessão combinada com alta inflação no começo do próximo ano.

Em plena desintegração capitalista, o reformismo (PT) pró-burguês procura se apresentar perante a burguesia e o imperialismo como sendo capaz de administrar a crise capitalista tão bem ou até melhor que o Governo antinacional e antipopular de FHC (coligação PSDB/PFL). O PT já afirmou que num eventual governo de Lula não haveria

perigo de calote, como ocorreu com a Rússia, mas sim serão preservados todos os interesses dos especuladores nacionais e internacionais.

O centrismo (PSTU), apesar da candidatura própria, é incapaz de romper com o reformismo petista e segue a reboque da Frente Popular, atrasando a construção do partido revolucionário.

A inexistência desse partido revolucionário permite que os capitalistas manejem livremente a crise e descarreguem-na sobre os oprimidos já que o movimento operário, popular e estudantil estão amordaçados pelas direções reformistas (PT) e estalinistas (PCdoB). A tarefa para o momento atual consiste em superar o estágio embrionário do POR, desenvolvendo a luta de classes e impulsionar as massas a partir de suas reivindicações econômicas contra o governo antipopular e antinacional de FHC.

NACIONAL



## Programa:

### Todo revolucionário deve resolver este problema: Como aplicar todos os dias a política revolucionária?

Quando dizemos que a luta de classe contra classe (entre proletariado e burguesia) é política, estamos já indicando que a política revolucionária se sintetiza nos interesses gerais, na finalidade estratégica do proletariado.

Daqui se extrai a proeminência da finalidade última da luta revolucionária frente às questões organizativas e táticas. Em resumo: o POR se organiza para materializar a revolução social e a ditadura do proletariado (finalidade estratégica): a forma que adquire a resposta aos problemas imediatos, diários, deve permitir aos explorados, partindo do nível de desenvolvimento político que alcançaram, aproximarem-se - não importa que somente milímetros - à conquista do poder, não pode se dar nenhum passo ou se adotar medida alguma que possa tirar as massas do cumprimento do seu objetivo estratégico. Resumindo: a isto se chama moral revolucionária.

#### Necessidade de Fundir a Finalidade Estratégica com a Tática

Dizemos que a finalidade estratégica condiciona a tática (os caminhos que se devem seguir, os métodos de luta que se empregam, as manobras a serem realizadas). Dito de outra maneira, as medidas táticas devem encarnar a finalidade estratégica, nisto consiste a fusão de ambos os extremos.

Não se deve esquecer que escolhendo mal uma tática poderemos nos afastar definitivamente da es-

tratégia, terminando convertidos em reformistas e colaboracionistas.

A tática pode reagir à estratégia e converter-se na única preocupação, isto acontece quando o interesse se concentra em modificar quantitativamente o capitalismo, quer dizer conservá-lo melhorando ou piorando.

Fundir a tática com a estratégia quer dizer que passos devemos dar para contribuir para a materialização da finalidade estratégica.

A Revolução é Feita Diariamente e Não Esperando que Apareça Perfeita Num Futuro Distante

A Luta revolucionária é a fusão da tática e da estratégia, o que significa que passos devemos dar para nos aproximar da conquista do poder.

Isto quer dizer que as medidas táticas devem ser calibradas milimetricamente para que cumpram o papel de força impulsionadora até a captura da finalidade estratégica.

A teoria e a experiência histórica do movimento operário internacional nos ensinam que o tema colocado se concretiza no programa das reivindicações transitórias, que são as respostas aos problemas imediatos que servem para impulsionar até a revolução ao politizar as massas mostrando o funcionamento do capitalismo, do Estado etc.

# REUNIÃO DO COMITÊ DO VOTO NULO

No dia 20 de setembro, em Fortaleza, ocorreu uma reunião do Comitê Contra a Opressão Social e Política sobre a campanha do VOTO NULO. Estiveram presentes

presentes dezenas de estudantes universitários da UFC, UECE e UNIFOR, secundaristas e trabalhadores, dentre os quais, trotskistas, anarquistas e independentes. A discussão deu-se em defesa do VOTO NULO diante da política reformista e da demagogia burguesa, que se utilizam da miséria das massas como combustível ao manobristo eleitoral

enganador.

O evento explorou o debate sobre a situação conjuntura e a questão das eleições na atualidade. Ocorreram inúmeros pontos em comum e encaminhamentos práticos na perspectiva de construção da campanha do VOTO NULO, como o fortalecimento do Comitê contra a Opressão Social e Política, a Frente Única Antiimperialista, o combate contra a ordem capitalista e lutas pela Revolução Proletária.

O POR está ciente das divergências históricas entre o marxismo e o anarquismo, o que não impediu a programação de seminários, boletins e outras atividades, bem como a realização de um debate na UECE, dia 24.

A aglutinação de diversos setores que defendem o VOTO NULO, foi uma

vitória do POR. O desmascaramento da eleição burguesa, a crítica ao reformismo(PT, PC do B) e centrismo(PSTU), a defesa da ação direta, da Revolução Proletária e do Socialismo, conduzirão muitos trabalhadores e estudantes aos caminhos do marxismo e do Partido Revolucionário.

Diante do capitalismo, que só promove miséria e o retrocesso de conquistas históricas, a alternativa dos explorados é não ter nenhuma ilusão no sufrágio universal e no parlamento. Só a unidade dos trabalhadores, estudantes, camponeses, correntes de esquerda em torno da Frente Única Antiimperialista, para por abaixo a opressão imperialista e a exploração capitalista, levará à Revolução e Ditadura Proletárias.

## A defesa do marxismo na universidade

Observa-se no meio universitário uma campanha, ora velada ora aberta contra o marxismo. Decreta-se sua morte, culpam-no pelos crimes do estalinismo, acusam-no de determinista, de superado e de incoerente. Há uma verdadeira "frente única" das várias correntes acadêmicas no combate ao marxismo. O único "marxismo" permitido na universidade é algo adocicado e tranqüilo, que não fala da necessidade da derrubada revolucionária do capitalismo, da ditadura do proletariado e da construção da sociedade sem classes.

Na área das chamadas ciências humanas ou sociais, a onda anti-marxista é mais evidente. Sob as vestes do pensamento "pós-moderno" trafica-se o pessimismo, o individualismo, a passividade e o irracionalismo. Nega-se:

- a esfera da objetividade, que é substituída por um subjetivismo incondicionado;

- que a razão dialética possa captar o sentido da história, que seria local, descontinua e não

sujeita a leis;

- o trabalho como elemento fundante da sociabilidade humana, a "comunicação", o "desejo" ou até a "dança" explicaria a complexidade do fenômeno humano;

- a totalidade universalizante, a realidade seria composta por diferenças e alteridades;

- que o poder esteja centralizado em instituições, tendo o Estado burguês como núcleo, em seu lugar existiriam micropoderes invisíveis e capilares que disciplinariam o social;

- a luta de classes, que seria substituída pelo conflito entre grupos sociais como negros, mulheres, jovens etc.

- o proletariado como dirigente do processo de transformação social, pelo lugar que ocupa na produção, este estaria desaparecendo;

- a necessidade da revolução socialista e da ditadura do proletariado, a luta pela cidadania tomaria o seu lugar;

- por fim a possibilidade de uma sociedade sem classes, a única que responderia ao atual desenvolvimento das forças produtivas, no lugar disso estaria a perspectiva de "capitalismo humanizado" ou de um utópico "socialismo de mercado".

Antes dessas teses serem novidades, representam o desespero do pensamento burguês diante da putrefação do capitalismo. Como disse Lênin, "numa sociedade baseada na luta de classes não pode haver ciência social 'imparcial'" (As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo). Assim, o resultado de tais teses, elaboradas por ex-estalinistas (Foucault), desencantados com o marxismo (Castoriadis, Habermas) ou anticomunistas (Popper), e repetidas pelos nossos inte-

lectuais semicoloniais, ávidos pela última moda das metrópoles, é semear dúvidas na unidade dos explorados contra o imperialismo e a burguesia. Separar a defesa do ensino público, por exemplo, da luta pela reforma agrária e pelo socialismo.

No entanto, basta uma análise crítica da situação mundial para verificar-se como o marxismo expressa as tendências da realidade. Assim, categorias como trabalho, totalidade, contradição, práxis, mediação, alienação, exploração, luta de classes, mais-valia, crise de superprodução, queda tendencial da taxa de lucro, entre outras, continuam a traduzir o movimento do real. Por isso, mais atual ainda se torna a necessidade da reconstrução da Quarta Internacional, do partido revolucionário, da revolução socialista, da ditadura do proletariado e da economia planificada, rumo a uma sociedade sem classes: o comunismo.

Para a juventude, questionadora e sedenta de um pensamento crítico capaz de auxiliar na transformação revolucionária da sociedade burguesa, o marxismo é a arma ideal. Na universidade, a CORRENTE PROLETÁRIA ESTUDANTIL (POR), é uma ferrenha defensora do marxismo e da revolução proletária, não se acanhando diante da ofensiva dos escribas do pensamento decadente burguês.

A alternativa ainda é, mais do que nunca: SOCIALISMO OU BARBÁRIE. A opção é nossa, no campo, nas fábricas, nos bairros populares e nas universidades.

PAULO BARBOSA  
05/10/98

Nacional



# O "Mapa da exclusão" capitalista

No final de setembro, a Folha de São Paulo publicou quatro pesquisas Datafolha feitas no ano de 1998, em todas as regiões do Brasil, com o título "Mapa da Exclusão". Os dados apontam que o há no país 25 milhões de miseráveis acima de 16 anos de idade.

Para os pesquisadores da Datafolha, os "excluídos" estão subdivididos em três grupos: "miseráveis, despossuídos e pobres". Os miseráveis são na sua quase maioria analfabetos, analfabetos funcionais (não têm quatro anos de estudo) ou têm o primeiro grau incompleto e sua renda familiar é de até dois salários mínimos. Os despossuídos fizeram o primário e têm a renda de até 5 salários. E os pobres, na sua maioria, fizeram o ensino fundamental e sua renda vai de 5 a 10 salários. O número de miseráveis e despossuídos perfaz 63,6 milhões de brasileiros. Os pobres são mais 15 milhões. Utilizando essa classificação, que eles chamam de socioeconômica, chegaram a conclusão que o número de miseráveis é muito superior aos dados indicados pelo governo, ou seja, de 17 milhões. Diz ainda que o Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) quantifica a população do Brasil abaixo da linha da pobreza em 28,7%, usando como base as famílias que têm renda inferior a 1 dólar por dia por indivíduo. Justificam que sua pesquisa se apóia nos dados do Índice de Condições de Vida (ICV), desenvolvidos pelo Pnud.

Os dados apontam que, nas Regiões Norte e Centro-Oeste, 29% da população são de miseráveis. No Nordeste, esse contingente chega a 39%. No Sudeste, 15%. No Sul, essa população é de 20%. Comparando com a população do país, os dados são mais violentos. No Nordeste se concentram 45% dos miseráveis. De cada 100 nordestinos, 39% estão nesta condição. Isto é, situam-se na base da pirâmide social, estão fora do mercado de trabalho, na maioria analfabetos e têm os piores indicadores de renda. Dos Estados nordestinos, o Ceará está em pior situação, com 47% de miseráveis. Porém, não é só no Nordeste e nas pequenos municípios que abrigam os miseráveis. A exemplo do Estado de São Paulo, o mais rico da federação, que possui 12% de sua população de 16 anos ou mais na condição apontada.

Os chamados miseráveis estão nessa situação por conta de sua renda. Recebem um salário mínimo e sua renda familiar não chega a dois míni-

mos. Compara o grupo que se encontra no topo da pirâmide social, os 7% da população, que ganha em média 12 vezes mais. O quadro fica pior quando mostra que essa população de miseráveis sustenta todas as crianças da família, com o salário mínimo de 130 reais. O trabalho mais comum entre os miseráveis é o bico. Ou seja, de 4 deles 1 sobrevive com esse tipo de trabalho temporário, sem renda fixa e sem nenhum vínculo empregatício. Entre os 25 milhões de miseráveis estão os analfabetos ou analfabetos funcionais, sendo estes 83% desse contingente.

Em síntese, a pesquisa tira algumas conclusões: 1) Uma pessoa com 16 anos ou mais e sendo analfabeta funcional, tem 80% de chances de ser também um miserável; 2) A baixa escolaridade tem consequências diretas na inserção econômica dos miseráveis. Apresenta o dado de que somente 61% dos miseráveis estão representados na PEA (População Economicamente Ativa). E somente 10% desses, que integram a PEA, são assalariados registrados; 3) Nesse grupo de miseráveis integram também as donas-de-casa, aposentados e os desempregados crônicos; 4) A ocupação mais comum é o bico, portanto, com renda variável até 131 reais e sem nenhuma garantia; 5) Esse quadro tenderá a se agravar numa situação econômica recessiva, como esta que se avizinha com os efeitos da crise mundial. Isto porque esse grupo de trabalhadores acima de 16 anos, com baixa escolarização, serão os primeiros a ser demitidos.

## O que a pesquisa não pôde mostrar

De vez em quando se publica pesquisas sobre o quadro de pobreza e miserabilidade da maior parte da população brasileira. A evidência do fenômeno é tão grande que instituições da burguesia se vêem obrigadas a dar-lhe atenção e um determinado tratamento socioeconômico. Via de regra tais pesquisas objetivam alertar o Estado e a própria burguesia para os perigos da miséria. Também procuram obscurecer os fundamentos desta através de um sociologismo vulgar e às vezes apresentar receitas para a solução.

No caso específico da pesquisa da Datafolha "Mapa da Exclusão", observamos que omite as relações de classe e as raízes da miséria. O que quer dizer obscurecer o elo de causa e consequência, já que a fome e as privações que atingem a maioria da

população são consequências. Os números apresentados por si só são estarrecedores. E a própria pesquisa indica que se a recessão que se avizinha se confirmar teremos um agravamento drástico da situação de miserabilidade das massas. Como se vê, esta conclusão é verdadeira, mas passa longe da explicação de sua causa.

É importante ainda observar que o artigo procura fazer crer que a baixa escolarização é a causa fundamental do aumento da miséria. Sequer diz que o analfabetismo também é consequência, embora compare apenas entre a classe operária e camponeses pobres. A idéia de que a qualificação da mão-de-obra é a via de solução, porque permitiria ingressar no mercado de trabalho milhões de desempregados e subempregados, é uma farsa. Essa premissa tem sido, nos últimos tempos, manjada de lá para cá, inclusive muito utilizada pela burocracia sindical reformista (da CUT) e direitista (da Força Sindical).

É preciso ainda dizer que o relatório da Datafolha mostra a concentração de renda num setor minoritário, identificado como "elite", que ganha 12 vezes mais dos que a média dos miseráveis. Entretanto, desconsidera o importante dado sobre a concentração de capital, pertencente à classe capitalista.

A pesquisa se refere muito superficialmente ao "programa de renda". Procura mostrar a ineficácia do programa "Comunidade Solidária", que distribui cesta-básicas, e o Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), que dá "linha de crédito com juros baixos" para a agricul-

Denúncia



tura familiar. Constata que as cestas básicas mal dão para uma semana e que o Pronaf não consegue cumprir seu objetivo de crédito baixo. Assim induz que é melhor o Programa "Complementando a Renda". Isso porque eleva a renda per-capta familiar a 50 reais ao mês. Se uma família é composta de 4 pessoas, a renda familiar teria de chegar a 200 reais mensais.

Como se pode ver, os capitalistas e seus ideólogos vêem a miséria como um mal a ser amenizado e os miseráveis como pedintes. A tese de elevar a renda per-capta para 50 reais mensais, a ser assegurada pelo Estado, que complementaria a renda abaixo dos 50, não passa de migalhas. Basta ver que uma família de 4 pessoas não tem como viver com 200 reais mensais. Um cálculo de salário mínimo não fica abaixo de 1800 reais, considerando as necessidades básicas. A verdade é que o capitalismo é um sistema econômico fundamentado na concentração crescente de riqueza nas mãos dos capitalistas e de ampliação da pobreza entre os explorados.

O argumento de dis-

tribuição de renda e de qualificação da mão de obra é uma miragem ideológica. As leis econômicas do capitalismo não permitem tal distribuição. E o desemprego diz respeito à impossibilidade do capitalismo assegurar trabalho a todos. Quando a burguesia necessita de escravos mais qualificados, ela tem os meios. Isso está comprovado pela história do capitalismo. O fato do desemprego se expandir continuamente se deve às contradições próprias do sistema de exploração do trabalho e acumulação de capital. A necessidade dos exploradores aumentarem incessantemente a taxa de mais-valia resulta em aumento incessante da pobreza da classe operária. No caso dos países semicolônias, de economia atrasada, o problema parece mais agravado devido à espoliação imperialista levada à cabo pelas potências. Quando o governo FHC aplica os planos ditados pela burguesia imperialista, atinge mais fundo as condições de vida da classe operária, dos camponeses e de parte da classe média urbana.

### Contra a barbárie, defender o Programa de Transição

Com base no próprio relatório da Datafolha, vemos que a barbárie já impera no Brasil. Se a classe operária não se organizar no partido revolucionário e não libertar os sindicatos do controle da burocracia sindical corrompida, a barbárie social alcançará níveis muito mais catastróficos. A solução para a miséria e o desemprego não se dará no interior do mesmo

regime econômico que os gera, os conserva e os amplia. Essas mesmas contradições que impõem sacrifícios e sofrimentos à maioria trabalhadora levarão o capitalismo para o seu fim, já que o levou a um beco cuja saída é apenas a da barbárie.

O atraso organizativo e a baixa consciência política do proletariado não devem ser justificativas para se achar que o capitalismo não está amadurecido para a revolução e que o que se pode fazer é reformá-lo. As correntes políticas defensoras do capitalismo ou pretensamente defensoras do socialismo se baseiam nesse atraso para obscurecer o capitalismo putrefato e a necessidade do proletariado derrubar a burguesia pela via revolucionária.

Ao contrário, o POR extrai dos dados objetivos do impasse histórico do capitalismo e da situação de barbárie vivida pelos trabalhadores para defender um programa de transição, cuja essência é a da expropriação dos meios de produção pela revolução proletária e sua transformação em propriedade coletiva. As reivindicações elementares como salário mínimo real de 1800, escala móvel das horas de trabalho e escala móvel de reajustes, expropriação geral dos latifúndios (sem indenização), entrega das terras aos camponeses, controle operário da produção, rompimento com a espoliação imperialista etc são dirigidas a mobilizar sistematicamente os explorados contra os pilares do capitalismo.

**Denúncia**

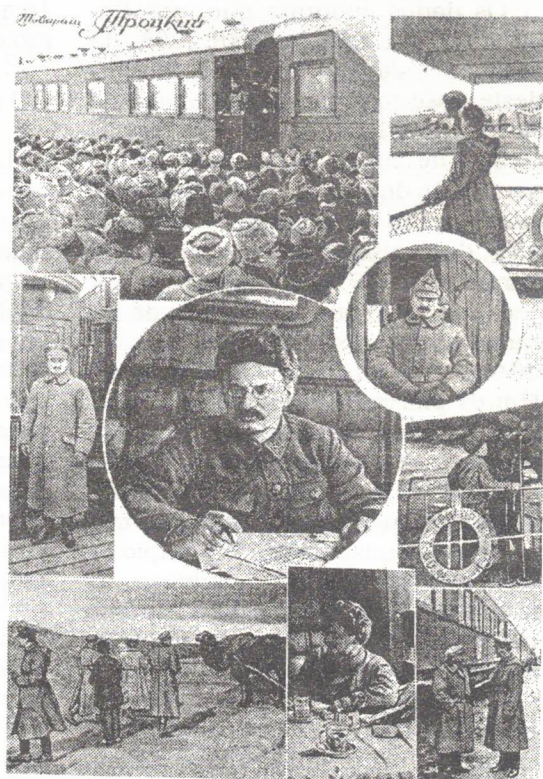


## Rondônia

### 60 anos da IV Internacional

Mesmo em condições difíceis, uma vez que o POR começa a ser construído nesse Estado, realizou uma palestra sobre os 60 anos da IV Internacional. Sob o título "Necessidade histórica do Partido Mundial", o POR convocou trabalhadores e estudantes a discutirem a importância do partido revolucionário e do programa internacionalista. Como parte da campanha traduziu e divulgou o texto de Guillermo Lora, dirigente do POR boliviano, sobre a Necessidade de Construir o Partido Mundial da Revolução Socialista.

O fato do POR dar total atenção ao 60 anos da IV Internacional, quando todas as correntes que se reivindicam do trotskismo a ignoraram ou a colocaram em segundo plano, o distingue pela defesa do programa e princípios revolucionários.



A seguir apresentamos os principais pontos da tese da Corrente Proletária da Educação para o Congresso Apeoesp.

## Tese da Corrente Proletária na Educação - Principais Pontos

1. A crise que atinge o mundo é a crise histórica do capitalismo. Trata-se da profunda agudização da contradição entre a necessidade de desenvolvimento das forças produtivas (trabalho humano e maquinaria) e as relações capitalistas de produção (apropriação privada). A superprodução, a grande quebra de ramos inteiros de produção, as abruptas desvalorizações cambiais, o aumento da produtividade e a destruição maciça de postos de trabalho, o desemprego crescente, a quebra de conquistas sociais e ampliação do capital parasitário são manifestações do capitalismo em sua fase monopolista, imperialista. Esta se constitui na última fase do capitalismo.

2. Hoje assistimos as quedas constantes nas Bolsas de Valores e as desvalorizações cambiais. A quebras no Sudeste Asiático, Japão, Rússia são expressões do impasse do capital industrial e financeiro. E seus efeitos estilhaçam por todas as economias, causando destruição de forças produtivas, recessão e miséria para maioria da população. O que mostra que o rearmamento dos Estados Unidos e mesmo da Alemanha tem os seus dias contados, ou seja, será arrefecido.

3. A fase monopolista do capitalismo vem se mantendo às custas das guerras comerciais, dos conflitos bélicos e da enorme opressão nacional sobre as economias semicoloniais, a exemplo da América Latina, África e quase toda a Ásia. Porém, são mecanismos circunstanciais que trazem embutidos o acirramento da contradição geral do sistema, ou seja, a existência das potentes forças produtivas e as relações capitalistas de produção. Isto é, a força de trabalho e tecnologia estão aptas para se desenvolver amplamente enquanto o mercado mundial se torna cada vez mais estreito.

4. A crise obriga as multinacionais e os bancos a se agruparem. As fusões de empresas e bancos põem às claras o alto processo de concentração de capitais. Essa é uma das vias utilizadas pela burguesia para proteger suas taxas de lucros. As fusões ampliam a especulação e se projetam com mais força sobre as fronteiras das débeis economias nacionais. E preparam um patamar de uma crise mais potente.

5. O capitalismo em desagregação descarrega sobre os trabalhadores do mundo inteiro o peso dessa crise. As massas assalariadas têm resistido por toda parte. A greve na GM nos Estados Unidos, na Coreia do Sul, na Rússia, as manifestações na França, Alemanha, bloqueios dos camponeses na Bolívia,

a resistência dos camponeses em Chiapas, as ocupações de terra do MST etc são provas contundentes da disposição de luta dos trabalhadores.

6. A colaboração da burocracia sindical, particularmente de todos os sindicatos filiados à CIOSL, tem sido um freio à necessidade da resistência e à disposição de luta da classe trabalhadora. Os trabalhadores do mundo carecem de uma direção revolucionária para dar expressão política à luta econômica que vem se desenvolvendo em vários países do mundo.

7. O Plano Real, implantado por FHC, é a via do aumento da opressão nacional e social. O Brasil se tornou mais dependente ainda do capital financeiro imperialista. Haja vista, os novos acordos assinados com o FMI, procurando manter os juros altos e, com isso, impedir que o capital estrangeiro saia do país do dia para noite, como ocorreu recentemente no Sudeste Asiático. O chamado Plano de estabilização proporcionou a abertura do mercado, privatização de quase todos os ramos da produção, aumento do endividamento do Estado, fim das conquistas sociais, arrocho salarial e desemprego e miséria para maioria da população.

8. O governo de FHC é pró-imperialista. Adota as medidas de destruição da economia nacional em favor dos países capitalistas desenvolvidos. A abertura do mercado às multinacionais e o sustento do parasitismo financeiro se realizam em detrimento dos interesses nacionais. Assim, o Plano econômico e toda sua política são imposições do capital financeiro internacional. Estes, diante da crise, pressionam os países de economia mais atrasada a aplicarem planos que beneficiam as multinacionais e seus países de origem.

9. Os efeitos da aplicação do Plano Real recaem inteiramente sobre os trabalhadores. Eis aí as razões do fechamento de fábricas, desemprego, do fim da Previdência estatal, destruição da saúde e educação públicas etc. Os cortes de recursos nos serviços sociais e as demissões do funcionalismo são utilizados para manter o pagamento da volumosa dívida interna e externa.

10. A resistência dos trabalhadores tem sido freada pela política conciliadora das direções sindicais, tanto direitistas (FS) quanto reformistas (CUT). A adaptação à política neoliberal de FHC desarma os sindicatos e Central, pois coloca-os a serviço das negociatas. O bloqueio às lutas só favoreceu o governo na implantação e continuidade do Plano de fome e miséria.

11. O Plano de FHC deve ser combatido de conjunto. Daí a necessidade de uma campanha nacional em defesa

das reivindicações vitais dos trabalhadores (salário mínimo de 1800 reais, reajustes automáticos, reposição de perdas, emprego a todos, redução da jornada de trabalho sem redução do salário, terra aos camponeses pobres, saúde e educação gratuitas em todos os níveis e para toda a população). Defesa da reestatização das empresas já privatizadas, sob o controle dos trabalhadores. Não pagamento da dívida externa. Reforma agrária, expropriação do latifúndio e entrega das terras aos camponeses. Organização da auto-defesa dos trabalhadores e punição aos assassinos dos sem-terra. Rechaço à estratégia do governo democrático e popular do PT e aliados, que tem submetido os sindicatos e a CUT à linha reformista de manutenção do capitalismo, sistema econômico que destrói a vida da milhões e milhões de trabalhadores. Defesa da estratégia do governo operário e camponês, fruto da revolução social contra o sistema de exploração do trabalho, como única via para se alcançar o socialismo.

12. A crise da educação é parte da crise histórica do capitalismo. A reforma educacional que vem sendo imposta no Brasil é um dos elos do plano antinacional e antipopular do governo. A sua essência é a privatização. Cabe unicamente ao Estado unicamente manter o ensino fundamental, os demais níveis ficam à mercê das empresas privadas. Embora as parcerias sejam incentivadas até mesmo no fundamental. Dessa forma, com ritmos diferenciados, a reforma educacional, patrocinada pelo Banco Mundial e BID, vem sendo aplicada em todos os Estados. Expressam, assim, a necessidade dos Estados em se desresponsabilizar com o ensino superior,

Educação



reduzir o médio e limitar ao fundamental. Essa redução vem no sentido de possibilitar o pagamento das volumosas dívidas.

13. A defesa do fim da Reforma privatista do ensino. O combate contra municipalização, nenhuma entrega do ensino médio às empresas privadas, a não privatização do ensino superior se dará levantando a defesa de nossas reivindicações. Ou seja, a defesa da escola única (único sistema de ensino estatal, sob o controle dos trabalhadores) pública, gratuita, laica, autônoma e enraizada na produção social. Expropriação (sem indenização) de toda rede privada (confessional e empresarial) e estatização de todos os níveis de ensino. Piso nacional dos trabalhadores em educação (1800 reais). Redução da jornada de trabalho, sem redução de salário. Reposição das perdas salariais. Contratação imediata dos demitidos. Abertura de escolas e vagas para todos os alunos.

14. A reforma educacional do governo deve ser rechaçada. Em contraposição levantamos a bandeira da escola enraizada na produção social. Onde a teoria e a prática se combinam, isto é, possibilitando os alunos permanecerem uma parte do tempo nas escolas e outra diretamente na produção. Não para ser explorados, mas para compreender o funcionamento da sociedade capitalista e assim poder transformá-la. Contra a escola repetitiva e influenciada pelo obscurantismo clerical, defendemos a escola científica, politécnica. A transformação da educação não é um problema pedagógico e técnico, mas sim político.

15. A implantação da reforma educacional se fez sem resistência coletiva dos trabalhadores em educação. As direções sindicais, CNTE, Apeoesp e demais entidades educacionais se calaram diante das medidas destruidoras da educação pública. Apostaram nas pressões inócuas ao Parlamento; aceitaram participar nos organismos estatais, a exemplo do Fumdef, dos conselhos municipais e da comissões governamentais para reformulação do Plano de Carreira etc. Os resultados foram trágicos para o professorado, que sentiu o peso do desemprego, da destruição das conquistas da carreira, a ampliação do arrocho salarial e o aumento da exploração do trabalho. E,

ainda mais grave, possibilitou ao governo a imposição de uma reforma educacional oposta aos interesses dos trabalhadores e do país.

16. A diretoria da Apeoesp, diante da reforma do ensino de Covas, ampliou sua política burocrática e gangsteril. Cancelou todas as assembléias e passou agir soberanamente sobre a classe. Tornou-se, assim, mais violenta. Os acontecimentos das últimas assembléias e a punição criminal a um professor de oposição (Antônio Justino) atestam bem o seu papel de burocracia reacionária. Dessa forma, é necessário que o Congresso da Apeoesp rejeite a política colaboracionista e seus métodos gangsteris. Por sua vez, é também necessário que vote uma política de defesa de nossas reivindicações, contra a reforma educacional do governo e aprove o método próprio dos trabalhadores para a conquista das reivindicações, que é o método da ação direta (das greves, ocupações, bloqueios etc).

17. O Congresso da Apeoesp deve se colocar contra as mudanças estatutárias, dos últimos Congressos, que anularam a democracia sindical no interior da Apeoesp. Defesa da Soberania das Assembléias, controle do sindicato pela base, eleições a cada dois anos, congressos anuais com delegados eleitos diretamente na base, eleições democráticas para a diretoria da Apeoesp etc.



## Natal

# Congresso do SINTE: Debate sobre as teses

A Corrente Proletária elaborou uma tese com a participação de companheiros simpatizantes. Organizamos um debate em Ceará-Mirim com a participação das demais teses inscritas ao Congresso (MTS e Articulação/CSC). Fomos convidados pela coordenação regional de Mossoró (2ª maior cidade do Estado), onde se tirou 160 delegados para o Congresso, para também debater as teses.

No debate, que se realizou no dia 9/10, apresentamos a nossa tese, suas linhas gerais, a análise da crise do modo de produção capitalista e a saída proletária, a proposta revolucionária para educação - uma escola vinculada à produção social, que atenda aos reais interesses da comunidade escolar, nas ciências, tecnologia, cultura e arte; uma escola que será fruto da revolução socialista no país. Em seguida, apresentamos um polêmico balanço da direção do SINTE, onde a caracterizamos como uma direção que abandonou a luta, que atuou como bloqueio para conter a revol-

ta da classe contra os governos, tornando-se assim colaboradora dos projetos de reformas governamentais. Além disso, apresentamos algumas propostas existentes no temário.

A tese do MTS (PSTU) se mostrou incapaz de se contrapor revolucionariamente às reformas do governo. No educacional, ficou vaga, não sabemos qual a concepção de escola que defende, pois no caderno de teses também não se explicitou. Por fim não defendeu a estratégia da revolução e ditadura do proletariado.

A tese petista/ CSC foi mais clara. Defendeu as reformas no marco do capitalismo, mas pintando-as com um verniz esquerdista, dizendo ser contra as reformas e que sua tese caminha rumo ao socialismo. Porém, foram muito questionados pela base quanto a sua posição capituladora frente às reformas do governo. A base perguntou porque eles "gelaram" diante dos ataques dos governos.

A Corrente Proletária colocou a importância das regionais do interior promoverem esses debates

com a participação de todas as correntes políticas. Isso porque é uma oportunidade da vanguarda e da classe conhecerem as idéias da revolução proletária e confrontá-las com as dos reformistas.

Para nós militantes comunistas, o reformismo está fadado a se ajoelhar diante dos capitalistas e seu governo. O objetivo de reformar o capitalismo em favor das massas exploradas não pode ser cumprido. No debate dessas idéias marxistas, os reformistas e centristas de esquerda procuram omitir suas verdadeiras posições e confundir a vanguarda com declarações abstratas sobre o socialismo.

O Partido Operário Revolucionário (POR) se constrói sobre a base do programa e da teoria revolucionária. Sua força está exatamente na defesa intransigente dos princípios e aplicação da tática revolucionária. Assim, não teme expor com toda clareza suas posições e debater francamente com as demais correntes políticas do movimento sindical.

# A autonomia atacada na Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Os alunos da Escola de Sociologia e Política iniciaram o ano com uma surpresa: dois cursos foram proibidos, sem nenhuma justificativa. A direção da escola alegou contenção de despesa. Os cursos, porém, não implicavam em gastos, segundo denuncia o Centro Acadêmico Florestan

Fernandes. Na verdade, a atitude da Fundação mantenedora agiu violando o princípio da autonomia acadêmica, assim como já vinha fazendo com a pós-graduação.

É preciso organizar uma mobilização em defesa dos cursos, contra a intervenção e pela autonomia. Sem

ela, os cursos proibidos serão perdidos, os desmandos e irregularidades da Fundação prosseguirão e a Escola corre o risco de ser desvirtuada ou mesmo fechada. A saída está nas mãos dos estudantes.

## DIREÇÃO DO DCE/USP É ELEITA COM OS MESMOS VOTOS DE FHC NAS PRÉVIAS

Como é sabido, este ano as prévias eleitorais ocorreram juntamente com a eleição do DCE. E qual o resultado das prévias? - ganhou o candidato do governo FHC. E qual o resultado das eleições do DCE? - ganhou a chapa "única" Carcará.

Simultâneas, as duas eleições expressaram que os estudantes não viram oposição entre a candidatura oficial e o programa da chapa Carcará, verificável pelo fato de uma parte considerável dos estudantes terem votado nas duas. Isto coloca em evidência que essa parcela de estudantes não viu nenhuma incompatibilidade entre o programa da chapa candidata ao Diretório Central dos Estudantes e a candidatura

oficial de FHC. Se não fosse assim, o estudante que votasse nas prévias em FHC não votaria para a chapa Carcará nas eleições para o DCE e, vice-versa, quem votasse na chapa Carcará para o DCE não votaria no candidato do governo. Alguns esboçam a explicação esfarrapada de que os estudantes não lêem o programa antes de votar. Outros afirmam descaradamente que para o DCE concorreu apenas uma chapa e que se houvesse outra, de "direita", ganharia.

Aos primeiros respondemos que o programa não é um mero papel escrito. Uma direção que combate de fato (e não apenas no papel) a reforma educacional de FHC passa a ser reconhecida pelos alunos como anti-ofi-

cialista (o que não é o caso da chapa Carcará).

Aos segundos dizemos que se não havia a "direita" nas eleições é porque as tendências oficialistas não sentiram necessidade de se opor à chapa única que se formou.

Portanto, não é o estudante que votou em FHC e na chapa Carcará que se enganou. Quem engana os estudantes é quem diz que a chapa que concorreu ao DCE é de esquerda.

Nacional



## Ato contra o nazista na USP expõe pacifismo das direções estudantis

Um dia após o ato contra o aluno nazista André Schmidt, um diretora recém-eleita da diretoria do Caell (do PSTU) e um aluno (do PCdoB) saíram a público para condenar a atitude violenta dos manifestantes que reagiram contra a impostura do nazi-estudante que resolveu aparecer no meio da manifestação. Na verdade, o próprio termo "linchamento" foi introduzido na discussão com o fim de condenar a violência. Não faltam posições favoráveis ao estudante que, para alguns, tem o direito "democrático" de se defender; para outros, "não deveria ser linchado (sic) , apenas levado à justiça".

É preciso que se diga que a democracia dos estudantes tem paralelo com a democracia dos operários e trabalhadores. Nela, as decisões são coletivas e têm um caráter prático. É esta democracia que possibilita a luta em defesa dos salários, das condições de vida da maioria que trabalha e que produz. Como tal, ela se opõe à domi-

nação de classe, e, em nosso caso, à burocracia universitária e aos governos estaduais e federais, que aplicam a reforma educacional e destróem a universidade pública em todo país. Por outro lado, esta democracia se utiliza por vezes de métodos violentos que, não sendo justificados em si mesmos, apenas respondem à violência da classe dominante e do regime capitalista. E não é violenta a fome, o desemprego e a miséria na qual está imersa a maioria dos trabalhadores deste país? E não é violenta a repressão aos protestos, às greves, às ações de massa e às manifestações operárias, camponesas e estudantis que ocorrem no país?

Por outro lado, a ocupação da reitoria ou o fechamento da entrada da universidade não são também violentos? E alguém pode em sã consciência colocar um sinal de igual entre a ação violenta e progressiva dos alunos que defendem seus direitos e a violência reacionária da repressão aos movi-

mentos? É claro que não!

A violência não traz um valor intrínseco como julgam os pacifistas de todos os naipes. Para nós ela pode ser plenamente justificável, quando está voltada para a expulsão de uma expressão extremamente antidemocrática e violenta, como no caso, o nazismo. Aqueles que condenaram a violência sob o pretexto de "linchamento" do nazista e, por tabela, a violência revolucionária (que é a que defendemos) na verdade o fizeram contra a decisão do movimento que reagiu espontaneamente ao ataque de um aluno nazista.

# O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

A estrutura celular é a única que corresponde à natureza do Partido revolucionário, isto é, ao partido que se guia pela estratégia da revolução e ditadura proletárias. Os partidos reformistas e centristas substituem esta necessidade elementar da organização revolucionária por estruturas fluidas e burocratizadas como núcleos, zonais e plenárias.

O enraizamento no seio das massas exploradas exige a construção de células por locais de trabalho e moradia, ligadas aos problemas da luta de classes, traduzindo o programa para a realidade dos trabalhadores e dirigindo o combate contra o imperialismo e a burguesia.

Por isso, traduzimos e entregamos aos trabalhadores e à juventude consciente este texto sobre a célula escrito pelo camarada Guilherme Lora, dirigente trotskista boliviano, que expressa o esforço e a experiência na organização do partido de cunho bolchevista na Bolívia.

## COMO FUNCIONA A CÉLULA

### 1. CAPTAÇÃO DE SIMPATIZANTES

Para a captação de simpatizantes, que depois se converterão em militantes, geralmente se utiliza a campanha pessoa a pessoa, mas também pode empregar-se as organizações paralelas.

Os simpatizantes devem ser organizados em círculos ou células de simpatizantes, os quais, ainda que tenham afinidades com as idéias do POR, não podem participar de sua vida interna, decidir sobre sua sorte e conduta.

Os militantes que organizam os simpatizantes o fazem com a finalidade de educá-los e discipliná-los para que possam militar posteriormente, e também para observar sua conduta, a fim de evitar que ingressem na organização elementos perigosos ou duvidosos.

A educação dos simpatizantes tem de começar com o conhecimento das idéias fundamentais do marxismo, das grandes linhas do programa partidário, das bases organizativas e dos estatutos, com a leitura do jornal e demais materiais editados pelo Partido.

Duas coisas devem-se evitar neste trabalho: 1) Acomodar as idéias programáticas do Partido aos preconceitos dos simpatizantes, de-

formando ou amputando suas teses fundamentais; os que vêm militar conosco têm o direito de exigir o conhecimento exato de nosso objetivos. 2) Fazer crer que o programa do Partido está integralmente contido nos documentos sindicais redigidos sob sua influência (que por serem sindicais têm necessariamente limitações e às vezes aparecem com interpelações introduzidas por tendências contrárias ao trotskismo). Incorrem neste erro os que pretendem impressionar os elementos novos com os êxitos partidários, certamente que evidentes, nas lutas operárias. Pode dar-se um curso sobre as lutas sociais (como material acessório e não principal na educação de gente nova) e nele se demonstrará o importante aporte do POR na formação das idéias políticas ao redor das quais se estruturou o movimento operário boliviano. Isto é correto, porém é absurdo defender a tese de que é no marco sindical onde se formou o programa partidário, que, na verdade, emerge da lutas e da história do trotskismo mundial e boliviano.

Os simpatizantes devem cumprir muitas tarefas e têm obrigações com o Partido, não em vão estão em suas portas: difundirão o periódico e a propaganda, darão suas contribuições econômicas, apoiarão as campanhas e assistirão as atuações públicas. De uma maneira geral, as células de simpatizantes atuam como auxiliares do trabalho partidário.

Em nenhum momento deve se esquecer que os simpatizantes estão sendo preparados para a militância. Quando tiverem sido devidamente formados e antes de serem admitidos nas células de militantes serão declarados aspirantes (o que será de conhecimento da direção de que depende o organizador, para a fixação de tarefas e de sua vinculação dentro do mecanismo partidário) e se lhes encomendará tarefas concretas para provar sua capacidade e lealdade.

A saída do campo dos simpatizantes e a organização destes tem muita im-

portância para o Partido. É suficiente não esquecer que dessa maneira o Partido irá selecionando a sua nova militância. Os simpatizantes constituem uma vasta camada que envolve o Partido, que lhe permite se mover comodamente e realizar muitas atividades e campanhas. Por exemplo, um plano financeiro de grande alcance apóia-se principalmente nos simpatizantes.

### 2. CÉLULA DE MILITANTES

A célula de militantes, particularmente a de empresa, constitui a organização básica do Partido. A estruturação bolchevique não pode ser concebida de outra maneira. Os que pretendem substituir a célula por outros organismos não fazem mais que exteriorizar seus desvios programáticos.

Constitui uma aberração e um desvio foquista o tipo de Partido que se estrutura em torno de uma reduzida e bem treinada equipe de ativistas (quem os forma e onde? Pergunta sem resposta até agora) que teriam por tarefa pôr em pé as células como algo acessório, como auxiliares do trabalho do privilegiado.

Esta atitude voluntarista esquece que é nas células onde se selecionam e educam os dirigentes máximos e os quadros médios, chamados a impulsionar a organização; que o centralismo democrático se expressa na fixação da linha política pela militância e não como uma imposição de cima. O anterior seria inadmissível se reconhecêssemos a equipe de ativistas como cérebro e quinta essência da organização, caminho que conduz indefectivelmente ao culto da personalidade e à teoria da infalibilidade dos dirigentes. Contrariamente, o bolchevismo estrutura e melhora suas organizações utilizando a crítica e autocrítica.

Para que isto seja possível é necessário que a célula viva realmente e se supere de maneira ininterrupta. Nisto se sustenta o aperfeiçoamento da organização, que deve ser considerado





como um processo em constante transformação.

A célula cumpre as seguintes funções básicas:

1) vincula o Partido com o grosso das massas, na medida que é o resultado do trabalho organizado e coletivo dos militantes operários (critério que pode estender-se aos outros setores sociais);

2) permite que os militantes intervenham ativa e diretamente na vida política e partidária (um dos grandes vícios consiste em não conhecer os problemas políticos e os do Partido);

3) faz possível o trabalho coletivo coordenado com o resto da organização partidária;

4) efetiva o centralismo democrático.

O Partido é, por definição, a vanguarda revolucionária do proletariado, o que significa que esta vanguarda se organiza em seu seio; pois, esta direção das massas, para ser efetivamente tal, deve estar estreitamente vinculada ao grosso da classe em todas as circunstâncias, extremo que não deve se esquecer sobretudo nos períodos de reação, quando o Partido não é seguido pela maioria operária em seus objetivos. A vinculação efetiva entre direção e o grosso das massas se realiza através das células, que existem e se desenvolvem nas fábricas e locais de trabalho.

É freqüente que uma célula formada por militantes operários se isole de seus companheiros de trabalho e, desta maneira, da classe, apesar deles estarem todos os dias na fábrica, vivendo lado a lado com o resto dos operários. Isto ocorre quando a célula se limita a estudar e repetir algumas generalidades do marxismo, quando não analisa minuciosamente os problemas da fábrica, quando não dá soluções aos problemas diários dos trabalhadores à luz do programa partidário e dentro da perspectiva política de todo o país, quando os militantes por muito teorizar não participam ativa e abnegadamente nos problemas diários dos operários da fábrica e dos operários em geral. Com se vê, não é suficiente dizer que a célula une o Partido com o grosso da classe, para que isto se converta em realidade urge que a célula faça um trabalho firme encaminhado a tornar real este enunciado.

Quase todos os dias vemos que muitas células não analisam os problemas do Partido, não lêem nem criticam sua imprensa, não estudam nem copiam os boletins internos, não submetem à crítica o trabalho das diversas esferas dirigentes, nem autocriticam seu trabalho diário; se limitam a acatar as instruções que lhes chegam. Este estado de coisas lamentável quer dizer que a célula só formalmente está incorporada ao Partido, mas que de fato per-

manece à margem dele. Em tais condições, os militantes não têm possibilidade alguma de fixar a linha partidária e tampouco de influenciar em sua existência. Se não se corrige a tempo essas deficiências, a célula pode concluir desenvolvendo uma atividade também à margem da organização e sem nenhuma coordenação com o resto das células, quer dizer, do Partido.

As tendências foquistas confundem a célula com o grupo especializado de ativistas, considerado este último como o cérebro e nervo da organização, que deve gozar de autonomia e converter-se em direção suprema por suas qualidades intrínsecas. Os que assim raciocinam concluem criando um grupo cerrado e alheio à direção partidária, que necessariamente desenvolverá uma atividade independente, anárquica e isolada e que não poucas vezes pode resultar antipartidária. A célula está submetida, necessariamente, à direção do Partido, que deve controlar sua atividade e vida diária e estar informada de seus planos e realizações e também do que fazem os militantes. A clandestinidade não justifica que uma célula escape a esse controle.

O correto é que a célula discuta e proponha soluções aos problemas do Partido, que planeje seu trabalho diário em coordenação com o resto do organismo (com as demais células). Só neste marco se poderá dizer que a militância tem a possibilidade de retificar os erros organizativos e políticos do Partido e de contribuir positivamente para a sua constante superação. Ao mesmo tempo lhe assegura que a militância fixe realmente a linha política, que o marco celular se converta no âmbito dentro do qual as bases partidárias ajam diretamente sobre a organização. Não deve se esquecer que as células formam parte da engrenagem de uma máquina descomunal. À célula não está permitido marchar por sua conta e risco, senão em equipe, buscando o objetivo assinalado pelo Partido.

Não poucas células não coordenam, não dirigem nem controlam o trabalho dos militantes, o que é freqüente quando estas organizações estão constituídas por operários de várias fábricas ou de distintos lugares de trabalho. Desta maneira o trabalho segue sendo individual e não se supera coletivamente ou em equipe, que é o objetivo da atividade celular. Não se pode permitir que o trabalho político caia abandonado à boa vontade e às forças individuais de alguns camaradas entusiastas; tem que se assegurar em grande medida seu êxito graças ao trabalho coordenado de todos os membros da organização.

Estas células defeituosas, em lugar de planificar o trabalho diário se limitam a entregar aos militantes um acú-

mulo de generalidades teóricas, ao extremo de que os militantes revolucionários que bem poderiam atuar no seio das massas se convertem em vulgares teorizadores, se conformam com encarregar tarefas aos voluntários para que as realizem segundo seu melhor saber e entender. Tem que se acabar com este individualismo, que está denunciando a falta de trabalho celular, negligência e irresponsabilidade.

Tudo o que faz um camarada interessa vivamente à célula (que dizer, ao Partido), por isto seu trabalho deve ser controlado e integrado como parte de uma equipe, depois de uma ampla discussão (nisto consiste a preparação), a fim de que seja ótimo. Quando impera o trabalho individual, está demais que a célula dê tarefas aos militantes e vigie seu cumprimento, pois cada um programa suas próprias atividades e os resultados não são comunicados a ninguém, ao menos não está obrigado a isso como consequência do trabalho anárquico.

O centralismo democrático significa a unidade na ação exterior como consequência de uma ampla e minuciosa discussão interna, discussão que forma parte insubstituível de uma boa preparação das atividades partidárias. É a célula vivente e militante a que permite a efetivação do centralismo democrático; se não funciona devidamente o organismo de base, a norma organizativa central se converte em um enunciado vazio. A discussão dentro da célula versará sobre os problemas políticos e sobre a melhor forma de efetivar no exterior as decisões partidárias. Este trabalho não só liga a célula com o resto do Partido, senão que permite enriquecer a organização e elevá-la a um nível superior.

NACIONAL



## Em vários países latino-americanos as massas ganham as ruas

A imprensa da semana passada informa sobre as batalhas de rua protagonizadas pelas massas de vários países do continente, trazendo o sugestivo título de "América Latina: uma semana de violência".

Podemos dizer que há uma tendência de agudização da luta de classes e que esta potencializará a luta na Bolívia.

Os explorados e oprimidos de diferentes países e continentes vêm travando batalhas intermitentes contra a miséria e a política dos governos burgueses.

Essas explosões sociais não se aprofundizam e acabam inesperadamente. Esta é uma das grandes debilidades que constatamos em nossos dias.

Estamos pagando muito caro a profunda crise que carrega a esquerda revolucionária em escala internacional. Temos como exemplo o que acontece no campo trotskista. As velhas organizações comparecem pulveriza-

das e os pequenos grupos que perambulam sem norte têm abandonado o programa revolucionário e se preocupam em apenas procurar acordos de cúpula, sem programa claro e em torno de algumas generalidades democratizantes.

A ausência de uma IV Internacional vigorosa faz-se sentir por toda parte. É uma lástima que o Comitê de Enlace não planeje nem acelere seu trabalho. Pode concluir convertendo-se em um obstáculo para a luta revolucionária internacional.

Sintetizemos os acontecimentos de alguns países:

### Honduras

Particularmente os professores ganharam as ruas para exigir melhores remunerações. Os protestos se dirigiram contra o Presidente Carlos Flores.

### Peru

A fúria contida contra a política antipopular do governo ditatorial de Fujimori estourou quando os explorados e oprimidos exigiam trabalho e melhores condições de vida. O povo enraivecido assaltou o Palácio do Governo.

### Chile

Em setembro, uma multidão exteriorizou seu repúdio a toda política

que ameace culminar no pinochetismo.

Em primeiro de outubro, os manifestantes se concentraram frente ao Ministério da Educação para exigir que, em 1999, sejam reajustadas em cerca de 48%.

A cada dia, salta à vista o aumento do desemprego massivo, as perdas salariais e as perdas de conquistas sociais incorporadas no ordenamento jurídico. Em certo momento, as condições humanas insuportáveis acabam empurrando as massas para as ruas, que rechaçam a política da burguesia e do imperialismo.

### Qual é a chave da situação política?

Na Bolívia, as massas vivem um período de radicalização e esgotaram suas ilusões na democracia burguesa. Esta realidade explica o avanço protagonizado pelos explorados e oprimidos. Por isso mesmo, chegamos à conclusão de que as lutas nos países vizinhos fortalecem as lutas na Bolívia.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO É UMA RESPOSTA AO APROFUNDAMENTO DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL, QUE EXIGE A REALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA INTERNACIONAL.

(Extraído do Massas boliviano nº 1637)

### Iugoslávia:

## Novas imposições do imperialismo

Os Estados Unidos tinham e têm por objetivo intervir militarmente, se possível através da OTAN, na Iugoslávia. Em nome do fim da guerra entre os albaneses de Kosovo e os iugoslavos e da defesa dos tais dos direitos humanos, o imperialismo deu um ultimato à Iugoslávia. Ou suspendia imediatamente a ofensiva do exército contra a guerrilha albanesa, aceitava a presença de dois

mil observadores e se submetia a uma mediação das potências (diga-se dos Estados Unidos), ou então a OTAN dispararia seus mísseis contra a Iugoslávia. Isto sem precisar colocar nenhum soldado da OTAN em solo da Iugoslávia. Estamos assim mais uma vez diante da prepotência do imperialismo.

Kosovo é reconhecidamente parte do território Iugoslavo, mas habitado por maioria albanesa. Com a desintegração da Federação e a eclosão de movimentos separatistas (Bósnia etc.), o imperialismo impôs pela força acordos de independência. Dessa forma, passou a influenciar diretamente nos acontecimentos da região confla-

grada. Agora, volta a fazer o mesmo, pisoteando a soberania da Iugoslávia.

A classe operária mundial deve rechaçar o intervencionismo das potências e defender o direito de cada nação resolver seus próprios problemas. A guerra separatista dos albaneses de Kosovo e a defesa da Iugoslávia e sua integridade territorial não podem ser decididas pelo poder militar das potências, pois estas não fazem senão exercer a opressão nacional sobre a maioria dos países semicoloniais. A ingerência do imperialismo resulta em controle externo e imposições sobre a Iugoslávia.



# A crise capitalista leva secundaristas franceses às ruas

Milhares e milhares de estudantes secundaristas franceses saíram às ruas de Paris e outras localidades. Foi uma manifestação nacional contra as más condições de ensino. Os estudantes reivindicam contratação de mais professores e redução do número de alunos em sala de aula. Trinta estudantes por sala já é considerado superlotação, no Brasil seria um paraíso.

Na realidade, estas duas bandeiras são apenas o estopim do grande descontentamento que impera entre a juventude, que não vê perspectiva

de trabalho no presente e pior ainda no futuro. Faz parte de um movimento de massa que vem se gestando na França.

A crise capitalista tem golpeado o mundo todo e não poderia poupar os franceses. Pelo contrário, a França há muito ostenta uma alta taxa de desemprego, enquanto que a sua economia não consegue sair da estagnação ou dos baixos índices de crescimento. Com o prenúncio de uma brutal queda no crescimento da economia mundial, os trabalhadores franceses e a

juventude estão prevendo o agravamento de seus problemas. A burguesia não tem outra via senão sacrificar as condições de vida das massas. É esta situação que está por detrás do movimento estudantil.

A classe operária e os estudantes brasileiros terão de seguir o mesmo caminho da luta. Todo apoio aos secundaristas franceses.

Internacional

**Bolívia:**

## Burocracia Cobista Morta. Bolívia Convulsionada

Durante longo tempo a burocracia cobista reacionária e pró-imperialista vem se movendo na defesa do oficialismo, fingindo poses radicais. Contudo o divórcio entre os traidores dando as cartas e as bases em um processo de radicalização foi se acumulando gradualmente e agora presenciamos um salto qualitativo.

### Divórcio entre burocracia traidora e as massas que se apropriam do cenário

Já não funciona a farsa que a burocracia montava diariamente de fingir poses radicais e de enrolar cinicamente com o governo. Os de baixo amadureceram na escola da traição por isso decidiram dar as costas aos burocratas e seguir seu próprio caminho.

A ruptura entre massas radicalizadas e burocracia corrupta e incapaz é definitiva. A prova: os burocratas decretam marchas e bloqueios (sua sem-vergonhice lhes empurra a incluir em seu cronograma de "convulsões" todos os dias da semana), mas os convocados não se molestam em levantar nenhum dedo.

O Divórcio entre burocratas e massas é total.

Os explorados e oprimidos diariamente ganham as ruas e convulsionam a seus diversos setores:

- \* Marchas e greves defendendo os sindicatos e rechaçando o paralelismo que pretende impor o governo.

- \* Mobilizações massivas buscando acabar com a elevação das tarifas pelo consumo de água, eletricidade, que agrava a miséria que assola o país.

- \* Rechaço a elevação dos impostos.

- \* Manifestações multitudinárias se opõem a toda tentativa de privatização. O povo sabe que esta política não tarda em se traduzir em desemprego, queda do salário, perda dos benefícios sociais.

- \* Os camponeses se levantam buscando o respeito ao cultivo da coca, a entrega da terra invadida pelos capitalistas, do dinheiro coletado pelo governo sob o pretexto de combater os efeitos desastrosos do fenômeno

El Niño, etc.

- \* Em quase todo o país as camadas populares se levantam contra os governos municipais. Castiga-se, expulsa-se, insulta-se os prefeitos ladrões e frouxos, os substituem através dos cabildos (assembléias populares).

- \* Cresce a corrente universitária que defende a autonomia, o cogoverno paritário docente estudantil, sobretudo a reimplantação do Poder Estudantil, assim se vai rechaçando o avanço do fascismo etc.

### Tarefa Imediata

O salto no repúdio das bases aos bandos burocratizados se traduz na atomização das lutas das massas contra o governo e suas medidas.

As bases buscam uma política e uma direção, isto de forma imediata.

É nossa tarefa assinalar desde o seio das bases que temos de sepultar o governo nazicapitalista.

Ao mesmo tempo as massas devem se incorporar para criar organismos de luta, assim recuperamos o comando da Central Operária Boliviana revolucionária, chamada a transformar radicalmente o país.

(extraído do Jornal Masas boliviano nº 1635)



Mural na Universidade em La Paz.



# O que Aconteceu na Universidade de Sucre?

## Algumas Repercussões na Imprensa

As universitárias de Sucre, as camaradas Gloria Ruiz, Minerva Tarra-ga e Marisol Ovando ganharam na correta e dura luta a fama de revolucionárias exemplares. Os jovens rebeldes do movimento juvenil se espelham nelas. O que fizeram e disseram ganharam as fronteiras nacionais e a coragem delas ficou registrada tanto na grande imprensa como na revolucionária, neste último aspecto se destaca "Massas", órgão do POR do Brasil.

A maior lição tirada do que fizeram as camaradas é a seguinte:

A assimilação da ideologia, do programa revolucionário (ou trotskista) permite colocar da forma mais correta a vontade e a conduta para a juventude.

Obrigado camaradas, a proeza que vocês deixaram como exemplo que deve ser imitado que a juventude é o fogo da revolução.

A rebelião protagonizada pelos universitários os chuquisaqueños deu como fruto uma remarcável e primeira vitória na luta pela reconquista do Poder Estudantil, que sintetiza no plano universitário a luta revolucionária por alcançar uma nova sociedade, de cujo ventre sairá o Homem Novo e a caldeira em que este será formado.

Estão equivocados os que acreditam que nos poristas estamos empenhados em desencadear badernas sem nenhum objetivo, que tudo que fazemos é produto do desespero e da histeria.

Contrariamente,



nossa conduta cotidiana está condicionada pela finalidade estratégica que perseguimos em nossa luta e que é a essência política da classe operária: a revolução e ditadura proletárias.

O que aconteceu na Universidade de Sucre podemos sintetizar como o claro enfrentamento entre o obscurantismo fascista burguês-imperialista, encarnado pelo monstro cavernário Robles-Clinton, e a revolução social expressa por URUS-POR.

A coragem gerada pelas três grevistas de fome dura na Universidade de Sucre terminou arrastando o estudentado e a todo o país ao objetivo concreto de converter as Casas Superiores de Estudos na expressão de uma Bolívia Nova (isto será o Poder Estudantil), demonstrou que a revolução é feita na luta diária, dando respostas aos problemas diários dentro da perspectiva da conquista do poder político.

Devemos lembrar que os resultados da coragem das três lutadoras de Sucre fortaleceu tanto a URUS como o POR, expressões organizativas do programa trotskista da revolução proletária, a única que garante a transformação radical da sociedade

### Outra Reportagem Sobre Gloria Ruiz

"La Prensa" de La Paz, de 12 de setembro, pressionada pela curiosidade dos leitores, entrevistou Gloria

Ruiz. O título é sugestivo "San Francisco Xavier: Portas tapadas com ideologias".

"Cartazes subversivos, discursos virulentos, o manual do bom trotskista, o inimigo principal com rosto de reitor, e inclusive a decisão política de entregar a vida por seus ideais. Trata-se de Sucre, de sua Universidade, e de suas bem amadas trotskistas. Gloria Ruiz tem ideologia radical e convicções firmes".

Gloria tem 21 anos, "nasceu em Sucre ... no seio de uma família de intelectuais. Seu bisavô foi o laureado poeta Claudio Peñarada, autor entre outras obras, da letra do hino a Chuquisaca, e sua tia-avó, Agar Penâranda, que se converteu numa das primeiras militantes do POR..." Talvez a própria família tenha em grande medida marcado sua vocação pela leitura ...".

O mais importante, na visão de nossa camarada: "Somos os instrumentos para a revolução, portanto nosso objetivo principal é a construção do socialismo, é a nossa construção como revolucionários profissionais. Nossa vida deve estar dedicada exclusivamente ao que implique na revolução social e devemos subordinar todos os demais aspectos a este último objetivo. Neste momento não me vejo casada nem com filhos e não é porque seja trotskista..."

(extraído do "Masas" boliviano nº 1634, de 18/09/98)

